

MANHÃ SUBMERSA



Manhã Submersa

VERGÍLIO FERREIRA



Ao Giló



Para o fim do Vagão «J» diz Vergílio Ferreira que talvez eu, António Borralho (A. Santos Lopes, de lei), viesse um dia a escrever a nossa história. Nossa — da minha gente. E algum tempo, de facto, essa ideia tentou-me. Mas acabei por desistir: no fim de contas, a história estava contada por outros e não seria eu decerto que a iria contar melhor. Poucos anos vivi, conscientemente, a vida da minha família. E assim, para a narrar, teria de imaginá-la não através da memória, mas só do que julgasse que devia recordar.

História nova, porém, e sabida desde o sangue, eu tinha uma, realmente, mas essa era só minha. Em tal caso, se não falava ao futuro, se era uma história “individual” mais do que de uma “pessoa” ou de um “homem”, se era apenas, sobretudo, uma “historiazinha infantil”, de que servia contá-la? Cem vezes por isso resolvi escrevê-la, cem vezes desisti. Até que, em certo dia de Dezembro, batido a Inverno e solidão, eu senti, numa crise, que ela estava afinal certa com tudo o que tem voz de se ouvir. Certa em quê, não o sabia bem. Mas sabia que se respondiam nela a noite da minha ira e a noite e fúria do mundo.

Por isso a escrevi, sem discussão, surdo de angústia, durante um mês seguido. Porém, agora que a releio, um pouco me surpreendo, ao ver que era isto que eu tinha afinal para contar.

Nada mais tenho a dizer. Lembrarei ainda, todavia, que se a minha narrativa divergir num ponto ou noutra do livro atrás referido, sou eu, como é óbvio, quem está na razão.

A. Lopes



I

Tomei o comboio na estação de Castanheira, depois que o Calhau deixou de me abraçar. Foi ele que me trouxe no carro de bois de D. Estefânia, em cuja casa, como se sabe, me talharam o destino. Minha mãe veio ainda à igreja, pela madrugada, ver-me partir; mas sentindo-me tão distante como se eu fosse preso, como se eu já pertencesse a um mundo que não era o seu — mal me falou. Por seu lado, D. Estefânia, defendendo a gravidade até ao último instante, olhando a minha mãe do alto das conveniências, disse-me brevemente que fosse na paz de Deus — e desapareceu. Sozinhos no carro, Calhau abisma-va-se no grande silêncio da manhã. Apenas de vez em quando, emergindo da solidão, mas fixo ainda na radiação de tudo, dizia coisas naturais da terra e das sementes, ou perguntava de novo a que horas era o comboio.

— Às nove — respondia eu.

— Chegamos a tempo.

E outra vez se calava, de capote às orelhas, sentado na borda do carro, com as pernas suspensas.

Mas logo depois murmurava de novo:

— Tens sorte. Olha eu que nunca pus os pés num comboio. Já o vi três vezes com esta. Mas nunca lá pus os pés. Tens sorte.

A névoa da madrugada desprendia-se dos campos, ia envolvendo a montanha. Dobrado de frio, o queixo nos joelhos, a saca da roupa ao lado, eu sentia-me quase feliz, mas de uma estranha felicidade inquietante. Perturbavam-me de prazer a trepidação da partida, o halo da novidade e sobretudo o apelo intrínseco e doce de todas as pequenas coisas, que ficavam mais perto de mim, como o fato novo, estreado esse dia, e o farnel da merenda para comer no comboio. Fechado nestas quimeras, eu

calava-me também, como se com o silêncio me defendesse de tudo o que era ameaça à minha roda. Porque tudo para mim era estranho e ameaçador, desde a montanha imóvel na enorme manha circular até ao espectro do Calhau e dos bois, tão insólitos na sua placidez inicial, como se viessem carregando o carro, submissamente, através de longos séculos...

Afinal chegámos meia hora antes do comboio. De modo que, aproveitando esse bónus de espera, Calhau e eu pusemo-nos a estudar as linhas, os vagões nos desvios, a engrenagem das agulhas. Como achava tudo aquilo maravilhoso, estranhei que o Calhau só três vezes tivesse visto o comboio.

— Há pior — disse-me ele, sossegado. — Conheces a Felícia? Pois é mais velha do que eu e nunca o viu.

— E aqui tão perto! — admirei-me eu, condoído.

Mas Calhau não se perturbou, convencido, decerto, de que isso de ver comboios não era assim muito importante para a vida...

Um homem fardado veio à plataforma dar avisos de corneta, uma inquietação nova centrou a atenção de todos. E, bruscamente, entre dois grandes penhascos, o comboio rompeu enfim como um rancor subterrâneo, alucinado de ferros e fumarada. E tive medo. Pela primeira vez estremeci de medo até aos limites da vida, não tanto, porém, da fúria do comboio, como dessa coisa insondável e enorme, tão grande para mim, que era partir. E então desejei ardentemente, profundamente, ficar. Mas era tarde: tudo quanto eu tinha feito desde há meses, tudo quanto fizera D. Estefânia, conduzia justamente àquilo mesmo — partir. Por isso, apertado de amargura, ameaçado de lágrimas, fui-me deixando abraçar em silêncio pelo Calhau. Até que, por entre um furor de fardos e cabazes, lá rompi, de saca às costas, para a carruagem de terceira. Fechei a porta, apanhei ainda o último adeus do Calhau e sentei-me então para chorar

quanto quisesse. Em verdade, eu não gostaria de chorar. Mas, espoliado abruptamente da minha infância, aturdido de solidão, sentia-me quase bem dentro do choro. Inesperadamente, por entre a minha dor, eu descobria em mim o aceno de um passado. Era a grande montanha a oriente, a sua liberdade espacial, era o bafo quente de um amor perdido, a flor original de uma alegria morta. E então voltei para lá a minha face molhada, e tudo em mim disse adeus longamente.

— Logo encontras colegas — declarara D. Estefânia ao meu alarme.

E, realmente, pouco depois, eu reparei que na carruagem já vinham dois fatos pretos. Batidos pelos olhos de toda a gente do comboio, logo nos unimos em defesa e tentámos confraternizar. Isso animou-me bastante. Mas quanto me custava suportar o olhar filado, os sorrisos malignos da matula da terceira, que se me cravavam nos flancos como dentes carneiros. Até que um malandro, que vinha de púrria com seis magalas, decidiu morder de frente. E disse alto:

— Padreca! Ó padreca!

Sofri. Olhámo-nos os três, congregando a coragem, mas logo vimos que não tínhamos que chegasse. E então odiei. Pela primeira vez na vida me cerrei dentro do meu ódio impotente e infeliz, e aprendi o sentido do desespero e da morte. Pela primeira vez eu medi a minha distância do mundo que me havia de ficar para sempre distante. Calados, destruídos de peste, para ali ficámos, sufocados de vergonha, pedindo paz com sorrisos corados para a matula carnívora, detestando-nos surdamente uns aos outros, como se cada um de nós fosse afinal o culpado... Com a secreta esperança de que nas paragens do comboio nos surgissem reforços, eu ia pelas janelas esquadrinhar o movimento das estações. De facto, não me enganei. Em dada altura, por entre a barafunda de uma estação agitada, lá cacei um fato preto.

— Prà qui! — berrei. — Prà qui!

Mais um. Como era já aluno adiantado, trouxe-nos o conforto da sua experiência. Dissemos os nossos nomes, não perguntámos o dele, submissos e radiantes. Logo depois, num apeadeiro solitário, mais outro fato preto.

— Prà qui! — clamei de novo, mais forte.

Cinco. Já não era mau. Mas eu não desistia de engrossar as nossas hostes e, de janela em janela, lá recrutei mais sete. Pude enfim descansar. Fitei, desassombrado, os galuchos, e pareceu-me então que eles cediam terreno por falarem já só com os olhos.

Nem por isso, todavia, sosseguei inteiramente. O desafio dos meus olhos era o medo de todo o meu corpo alerta, de um terror recurvo à escuta. (Falo agora à memória destes últimos vinte anos e pergunto-me que destino atravessou a minha vida além desse pavor, que outra voz mensageira lhe clamou ao futuro além da voz de uma noite sem fim.)

No grupo, o seminarista mais velho esmagava agora os caloiros com o terrorismo da sua experiência:

— Vocês vão ver o senhor padre Lino a Latim. Cada erro nas declinações, quatro palmatoadas.

— Que são *declinações*? — perguntei.

— Você logo aprende. Só casos são seis.

— Que são *casos*?

— Você logo vê. Nominativo, genitivo, e por aí fora. Logo sabe o que é bom.

Apesar de tudo, com a segurança daquele moço a cobrir-nos de protecção, eu sentia-me quase bem. Esquecera a minha aldeia, a serra, o adeus do Calhau. Abri o farnel e comi. Nunca mais na minha vida eu comi com tanto gosto, como se naquele desdobrar de notícias e paisagens novas tudo em mim estivesse comendo comigo. O meu corpo colava-se avidamente ao mundo

novo, injectado de sangue ardente à mínima sensação. E assim, era como se eu estivesse nascendo outra vez...

A certa altura, porém, quando já não pensava em reforços para as nossas hostes, entrou um destacamento de mais quatro fatos pretos. Todos crescidos. Um vendaval de clamores varreu a carruagem de lés a lés. Olhei os magalas e vi-os, já conformados, falando no limite da sua curta importância, apontando com o dedo ocasionais curiosidades da paisagem que rolava. Definitivamente, sentámo-nos para dominar. À minha roda, cada um dos seminaristas tentava provar o interesse das suas férias. Passámos à identificação individual, para nos sentirmos, de uma vez para sempre, camaradas.

— E você, como se chama? — perguntaram-me.

— António dos Santos Lopes.

— António Lopes?

— António dos Santos Lopes.

Ergueu os braços triunfantes:

— Então é o Borrvalho!

Era. Era o Borrvalho. Não quis saber como é que a minha sorte me viera apanhar ao comboio, e sofri em silêncio. Durante os primeiros meses de seminário, a lei do meu nome clamou ainda contra a injúria. Inútil. A lei acabou por se dar por vencida e nas conversas clandestinas, quando me queriam ofender, fiquei Borrvalho por força. Decerto, esse nome não é de modo algum ofensivo, até porque é vulgar. Mas ofendia-me a mim, como dói a toda a gente o nome que lhe não pertence — como doeria a imposição de uma pessoa que se não é. Porque o nome também é a nossa pessoa.

Reparei então que um dos quatro da última leva mal abrira ainda a boca. Taciturno, como se remoesse o projecto de um crime, com dois chapéus na cabeça — o velho encaixado no novo para o poupar —, ele olhava duramente e fixamente a

ideia do seu rancor. De tez coriácea de um filho da gleba, as mãos grossas nos joelhos, rude, possante, pensava tenazmente, perdido de nós. Por que não falava?

— Ó Gama, tu não falas? — perguntou um dos mais velhos, pensando comigo.

O Gama. Nunca mais o esqueceria desde essa manhã de 7 de Outubro, às dez horas, sexta-feira. E pela vida fora, sempre que penso no seminário, ou sonho com ele (porque sonho muitas vezes), é a imagem do Gama que me enche o sonho e o pensar, para lhes dar algum sentido.

— Perdeste a fala? — insistia o outro.

Gama não falava. Direito no encosto, tinha só aquela máscara valente de uma vingança reflectida. Por terem chegado a qualquer conclusão, habituados, decerto, a entenderem-se por sombras, alguns seminaristas entreolharam-se sabidamente, apertando os lábios na suspeita de qualquer mal irremediável.

Quando chegámos à Guarda, estava toda a plataforma re-tinta de fatos pretos — e foi uma invasão. Perdido naquela turba, senti-me outra vez só. Alguns do nosso grupo partiram para outros grupos; e os que ficaram, submetidos, como eu, à importância recente, não falavam. Pude então encontrar-me de novo com o meu sentir verdadeiro. Mal tive tempo, porém, de me dar à minha tristeza, que a paisagem, agora monótona, já não dispersava; porque, vingando-se da própria desgraça numa desgraça maior, alguns colegas mais velhos começaram a massacrar-me:

— Ó caloiro! Levante-se lá o caloiro!

Um sujeito alto, com a cor típica do jovem forte, quebrantado pelo vício solitário, jogou a sua importância, adiantando-se aos outros:

— Donde é o caloiro?

Fixei do grandalhão a cara e o nome, que só mais tarde, aliás, decorei definitivamente, quando veio ligar-se à minha história: o Peres.

— Sou de Castanheira — disse eu.

Quando fui para Lisboa, eu dizia que era da Beira, como diria que era de Portugal ou da Europa, se fosse para a França ou para a América, auxiliando assim a visão dos outros à medida que o mapa se afastava.

Peres quis mais informes; e o Gama, cortando abusos, declarou, com espanto meu, que eu era seu protegido. Ainda altercaram os dois, mas por fim separaram-se.

— Obrigado — agradei.

— É um figurão — declarou-me o Gama.

E calou-se. Este termo benigno de “figurão”, próprio da suavidade eclesiástica, haveria eu de saber que podia carregar-se, como toda a palavra mágica, do veneno que se quisesse.

A viagem estava no fim. Na estação da Covilhã entraram os últimos reforços. Mas já ninguém se alvoroçou. Aniquilados, tensos de expectativa, a sombra do seminário chegava já até ali, pesava densamente sobre todos. E pela tarde, ao escurecer, chegámos finalmente à estação da Torre Branca. Uma torrente negra de seminaristas inundou tudo. Dois carros de bois carregaram as sacas, sob as ordens chicoteadas do padre Tomás, e a um bater de palmas arrastámo-nos em massa estrada fora. Atravessámos, soturnos, as ruas escusas da vila, como fugidos a um qualquer crime obscuro, murmurando, furtivamente, uma conversa rezada, olhando de lado, com hostilidade, o mundo que não era nosso. Submerso na noite, perdido na confusão dos fatos pretos, que iam agora correndo ao longo dos campos ermos, eu suava de cansaço e de ansiedade. Não conhecia ninguém. Ninguém me conhecia. Os próprios companheiros de viagem tinham procurado o conforto dos amigos. Zoava em torno de

mim um fervor anônimo de conversas; mas parecia-me que era por baixo das palavras que a nossa sorte comum apertava fortemente as mãos. Em dada altura, porém, e subitamente, o murmúrio das conversas baixou mais, quase tocando o duro silêncio dos corações. Suspenso e aflito, olhei atrás, aos lados, adiante. Mas sempre e só me cobria a noite plácida do mundo. Foi quando, ao vencermos uma rampa da estrada, mudo das sombras de uma espera, começou a erguer-se, terrivelmente, desde os abismos da terra, o vulto grande do seminário.

— Cá estamos — murmuraram em redor.

Quieto um momento, no longo pavor da noite, olhei do fundo da minha solidão a mole enorme do edifício e arranquei para a minha aldeia distante um grito de dor tão profundo que só eu o ouvi.

II

Lentamente, o casarão foi rodando com a curva da estrada, espiando-nos do alto da sua quietude lóbrega pelos cem olhos das janelas. Até que, chegados à larga boca do portão, nos tragou a todos imediatamente, cerrando as mandíbulas logo atrás. Enrolado na multidão silenciosa, fui subindo a larga escadaria em cujo topo um padre quieto, de mãos escondidas nas mangas do *viatório*, ia separando as divisões para as respectivas camaratas. Mudos e quedos, ao pé dos muros, apareceram-me ainda, ao longo do corredor, vários padres de sentinela. E na pura ameaça do seu olhar de sombra eu sentia, mais escura, a grandeza ilimitada de um pavor abstracto. Fiquei na 3.^a Divisão, entre os mais miúdos, com lugar na camarata logo ao fundo do corredor. Doe-me um tanto separarem-me do Gama, que, de voz entroncada e três anos de estudo, tinha já de ficar na 2.^a Divisão. Em todo o caso, como a sua camarata pegava com a minha, podia vê-lo de perto atravessar de coragem o nosso espanto e alar-me, ao passar para o dormitório, na retaguarda da forma. Foi assim, como depois contarei, que durante os recreios nós pudemos cruzar-nos nos corredores desertos e eu me fortaleci na raiva pura que ele tinha.

Marcada a cama de cada um, voltámos à sala de espera para recolher a bagagem. Tivemos de ceder a primazia aos mais velhos, porque só eles tinham pulso e experiência para decifrar aquela barafunda. Fui dos últimos a avançar. Rolada a pontapés e puxões, suja, com um rasgão à boca, lá achei a minha saca, escondida atrás de um banco. Tomei-a às costas e levei-a, angustiado de um súbito amor pela sua voz fraterna desde quando? Sei que depois ainda fomos à capela e nos des-
pimos, com um cerimonial esquisito, antes de dormirmos. Mas

nessa altura, pesado de sofrimento, um grande apelo final de silêncio e desistência subia para mim desde as raízes da noite. E fechei os olhos.

E adormeci.

*

Aberta de liberdade, a minha aldeia reverdecia, na força da Primavera, pelos giestais da montanha, quando o gralhar ferino da sineta me acordou.

— *Benedicamus domino* — clamou o padre Tomás para o sono do salão.

— *Deo gratias* — concordaram os mais velhos, já resignados pelo hábito.

Abri os olhos para o enorme dormitório, iluminado já, implacavelmente, a bicos de acetileno. À pressa, todos os seminaristas enfiavam as calças, com pudor, dentro da cama. Custou-me a atinar com os canos, e acabei por vestir as calças ao contrário. Pelo que, à segunda tentativa, deitei fora a perna direita, para acertar o trabalho. Mas logo o padre Tomás, surpreendendo o pecado do meu pé nu, me esmagou de respeito:

— Menino! Seja decente!

Toda a camarata me saltou em cima com a sua troça. Alguns seminaristas tapavam com a mão o riso na boca. Outros mordiam-se, estourando de gozo.

Fui o último a lavar-me. Inexoravelmente, os mais velhos, a coices de cotovelo, iam-me passando adiante. Por isso tomei o meu lugar na forma à frente, atando ainda a gravata no colarinho largo, quando já todos esperavam por mim.

A um breve bater de palmas, toda a bicha se arrastou para a capela. Aí, cortadas às parcelas, as duas filas foram-se alinhando aos lados, nos intervalos dos bancos sem encosto. Um toque de campainha dobrou-nos pelos joelhos. E foi assim, vencido,

cortado pelo meio, que eu fiquei a recordar-me para a minha vida inteira...

Fatigado das rezas com que um seminarista mais velho nos ia remoendo a paciência, dorido nos joelhos, do chão duro de tábuas, eu escapei, através da janela, um olhar desocupado pelos castanheiros da cerca, a fila de retretes, em frente, acoradas sobre um rego de água. Mas, imediatamente, segurando-me tenazmente por uma orelha, alguém me repuxou a cabeça várias vezes, e devagar, para a direita e para a esquerda, até ma deixar, por fim, na posição correcta. Mas o que mais me aterrorizou foi aquela súbita presença invisível do prefeito, vinda do fundo da noite, imensa, ilimitada, sem a materialização de um corpo, de um breve ruído de pés. Pelos anos fora, eu havia de encontrá-los, a esses medos, pelo escuro dos corredores, das escadarias, calados, imóveis, rondando-nos de sombra e de ameaça...

Acabadas, enfim, as orações da manhã. Ordens de campanha para nos pormos de pé. Novas ordens para nos sentarmos. Para o topo da capela veio então um padre ler-nos a meditação. Tipo baixo, louro, de voz pequena, mordida entre os dentes, com duas pontas azuis por detrás de vidros grossos. Era este, enfim, como soube depois, o funesto padre Lino. Alçou os óculos para a testa, disse: “Da vocação sacerdotal. Primeiro ponto da meditação: muitos são os chamados, poucos os escolhidos.” E longo tempo, na manhã que abria, padre Lino foi varrendo da lembrança de todos os últimos restos de férias com a vassoura áspera dos desígnios de Deus. Concluída a leitura, logo todos encravaram a mão direita no sovaco esquerdo, e descansaram, na mão livre, a fronte carregada. Um olhar pasmado para aquilo — e fiz o mesmo. Pus-me então a olhar, nos joelhos sujos, o vinco desfeito das minhas calças novas, olhei as botas ainda com graxa, e esperei, conformado, o mais que viesse.

Silêncio de catarros. Digerido o primeiro ponto da meditação, padre Lino serviu-nos o segundo. Não sei quanto aquilo durou. Sei apenas que tive tempo de percorrer a minha aldeia, de repetir, desde o abraço do Calhau, a minha viagem tão longa. Finalmente, a meditação acabou. Padre Lino desceu então a coxia, disparando, para um lado e para outro, olhares curtos como bicadas. Até que a sua voz loura cantou lá para o fundo da capela:

— Senhor Fiel: de que tratou o primeiro ponto da meditação?

Céus! Mas o primeiro ponto e os outros dois tinham tratado apenas da minha aldeia, do Calhau, da minha vida infeliz. Em todo o caso, o Fiel, numa voz de olhos baixos, disse coisas incríveis sobre a secreta vontade do Altíssimo. Segundo ele, antes de eu escabrear pelos montes, muito antes de meu pai ter partido a perna na pedreira, já Deus dera despacho ao decreto que me chamava ao Seu serviço. Isto acreditava o Fiel, sem que, infelizmente, soubesse dizer porquê. Fora das nossas vistas e da nossa razão, a Divina Providência manipulara-nos o destino como muito bem entendera. Padre Lino pareceu concordar com isso, porque não repontou. Depois de dar ordens ao Fiel para se sentar, ouvi-o, mais perto de mim, perguntar a outro seminarista:

— Senhor Amarante: o segundo ponto de meditação?

O terceiro saiu a um seminarista dos grandes. Respirei fundo e aguardei o que viesse. Veio a missa, duzentas comunhões para toda a gente e finalmente o café. Eu estava morto de fome.

III

Fomos então às camaratas para fechar as camas e vestir as blusas de xadrez. Já a manhã raiava na distância infundável da terra verde e vermelha, e, perto do seminário, ressoavam as pancadas de um tanoeiro que nunca mais esqueci. Pelas largas janelas sem portas a claridade invadia a camarata, desfazia as sombras do terror. Mas, assim mesmo, sem a imensidão das sombras, o vasto salão da minha camarata, continuado pelo outro da 2.^a Divisão, tinha uma grandeza excessiva para o meu corpo pequeno. A minha cama ficava ao pé de uma janela que dava para a cerca. Via dali a mata de castanheiros esguios subindo tristemente pela colina, no silêncio frio da manhã. Via, no largo em frente, dois brutos cães de guarda estendidos, um criado solitário rachando tocos de lenha. Longe, lá das terras do sonho, um comboiozinho silvou para os olhos ensonados da manhã. Padre Tomás bateu as palmas para a forma. E, num longo carreiro de dois a dois, arrastámo-nos pelo corredor, descemos a larga escadaria da entrada, atravessámos o salão de estudo para o refeitório. Dispuseram-nos então pelas seis filas de mesas de mármore e aí rezámos outra vez. Eu fiquei a meio da primeira fila, virado para a parede. E, uma vez mais, assim, o marulhar de duzentos seminaristas atrás, o tropear da louça no silêncio eram para mim uma presença adivinhada e sem corpo. Concretos, corpóreos, ao longo desse primeiro ano, seriam ali apenas os colegas que me ficavam defronte e os padres prefeitos que passavam à parede, vindos do seu refeitório, a palitar os dentes. Inquieto um pouco, ofereci o meu olhar solidário a quem mo aceitasse. Mas ninguém o aceitou. Aplicados, serrotando com a faca o naco de pão sobre a mesa, os mais velhos tratavam apenas de comer. Só o Gaudêncio, com quem eu ainda não falara, me

pareceu reconhecer-me no seu olhar humilde e fraternal. Deus! Como éramos ambos feios! Porque a primeira distinção que eu fazia (e depois verifiquei que também faziam os prefeitos) era essa, precisamente, de alunos *feios e bonitos*.

Decerto porque a maioria vinha da raça da gleba. Empenados, talhados à podoa, recozidos das soalheiras através das gerações, trazíamos na face negra a nossa condenação. Havia-os baixos, cheirando à terra, com dois pulsos grossos como dois eixos de carro. Havia-os altos, ossudos, com o peito largo encovado. Uns tinham a bola grande do crânio integralmente rapada. Outros, com duras repas de cabelos a enchumaçar-lhes o pescoço, abriam o seu pasmo cavernoso e lento de bichos. De olhar assustado e ferino, de olhar morto de boi, infelizes e inocentes, eu olhava-os como irmãos do fundo do meu sofrer.

— Para onde está a olhar? — e a palmada certa na nuca.

Quando as mesas ficaram limpas, o padre prefeito bateu as palmas. E rezámos outra vez. Depois viemos para a sala de estudo, onde nos distribuíram as carteiras. Fiquei entre o Gaudêncio e o Florentino. Houve ainda a marcação de lugares nas aulas, a distribuição das *Horas de Piedade* e do *Res Romance*, quatro recreios ao todo e três longas rezas na capela, afora outras rezas miúdas, espalhadas pelo dia adiante. E, às dez da noite, vencidos, sovados de alarme e de cansaço, metíamo-nos todos na cama, para tirarmos as calças e dormir.

Mas eu não dormi. Fiquei ainda ali longo tempo, sozinho, perdido no meio da noite, sem esperança. Padre Tomás, apagadas as luzes, vigiou ainda a camarata, passeando pela coxia, como um deus da escuridão. Depois meteu-se no quarto, que era uma espécie de biombo rectangular, acendeu e apagou o candeeiro, deitou-se também. Na massa enorme do silêncio, apenas de vez em quando os grandes cães uivavam na cerca para o escuro da mata, ou um carro alucinado investia pela

estrada que nos passava defronte. Aberto a espaço e a augúrio, eu olhava, suspenso, o sono dos companheiros, e em breve à minha volta tudo tinha um sinal de morte... Então, mais forte que a minha vontade, outra vez me cresceu das raízes da minha miséria um gosto quente de sofrer. Mas lutei, ah, lutei! E disse a mim mesmo: “Não chores. Vê se és capaz de te aguentar, vê se és capaz.” Mas era de mais para mim. Sim, ainda fiz uma promessa de dez tostões ao Santo António da minha aldeia, se não sofresse... Impossível. O salão era excessivamente grande para mim, os cães ladravam para o agouro das trevas, eu estava só no mundo. De longe, da minha infância perdida, veio a ternura da memória, a face cansada de minha mãe, a luz suave de tudo para nunca mais. E uma saudade densa caiu-me, como um peso, na alma. E chorei longamente, um choro recolhido, só choro para mim. Chorei quanto pude, até que a noite foi minha irmã e eu fui irmão da noite, um diante do outro, calados e de mãos dadas. Então lembrei-me, por entre o pranto. De um pequeno saco de figos que minha mãe me dera à despedida. Procurei-o na saca de roupa, puxei-o para a cama. E o saber deles, que me encheu a alma, trouxe-me a presença de um carinho morto, como se minha mãe ali me estivesse velando e houvesse ainda aldeia à minha volta...

